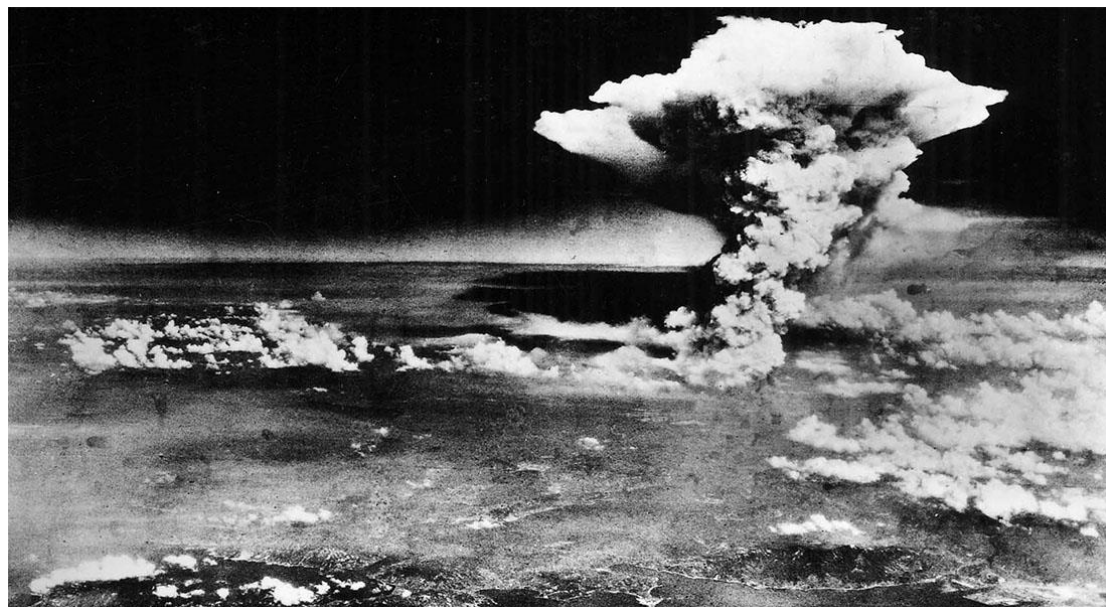


SOBRE VAZAMENTOS, MENTIRAS E IDEÓLOGOS LUNÁTICOS

*Por Uwe Parpart**



Nuvem atômica sobre Hiroshima, tirada do bombardeiro B-29 "Enola Gay" sobrevoando Matsuyama, Shikoku (509º Grupo de Operações/USAF).

Estamos entrando na fase mais perigosa desde novembro de 1983, quando uma guerra nuclear quase começou por um erro de interpretação.

Esta história é sobre a iminente – com início em meados de maio – escalada do conflito na Ucrânia que previmos nos últimos seis meses. Deixe-me começar com uma história que não é um vazamento da Guarda Aérea Nacional de Massachusetts, nem uma mentira da Casa Branca, nem o produto da fantasia febril de um neocon maluco do Departamento de Estado dos EUA – as principais fontes de histórias da imprensa ocidental atualmente.

Em visita a Berlim na terça-feira (18 de abril), o presidente suíço Alain Berset deixou claro ao chanceler alemão Olaf Scholz – com precisão suíça – que a Alemanha não terá permissão para repassar munição de fabricação suíça para os blindados antiaéreos alemães Gepard (“Cheetah”) – veículos de defesa agora usados pela Ucrânia e equipados com dois canhões automáticos Oerlikon de 35 mm de fabricação suíça. “Ninguém pode exigir que quebreemos nossas próprias leis [de neutralidade]”, disse Berset.

Bem agora! Berset simplesmente se atreveu a lançar a tagarelice “baseada em regras” dos neocons e vassalos dos EUA de volta a Herrn Scholz?

Mas deixe isso para lá.

O Gepard, com dois canhões Oerlikon (agora Rheinmetall Air Defense) montados no chassi do tanque Leopard 1, é um sistema antiaéreo autopropulsado desatualizado (SPAAG), descontinuado na Alemanha em 2010. Mas é eficaz contra drones e mísseis de cruzeiro em voo lento – desde que tenha munição – e a um custo maciçamente menor do que, por exemplo, um sistema Patriot.

Trinta e sete Gepards estão implantados na Ucrânia. Cada um tem uma cadência de tiro de 1.100 disparos por minuto e esgota sua munição em 35 segundos. E depois? Há alguma munição de fabricação norueguesa que serve, mas não chega nem perto do suficiente. E essa é a situação geral da Ucrânia e da OTAN, a título de contexto para os vazamentos de Massachusetts.

Ninguém, exceto os mais ingênuos e crédulos ou apologistas do demente e mentiroso Joe, acredita que um garoto de 21 anos, o PFC, poderia ter selecionado e copiado 300 documentos altamente classificados e os colocado em circulação. Minha própria experiência na sede da OTAN na década de 1980 me diz isso. Isso é um absurdo total. As únicas perguntas sérias são

- Os documentos vazados são reais? e
- Se sim, quem os deu ao garoto?

Dado o que sabemos de outra forma, os documentos são reais, em meu julgamento profissional. A defesa aérea ucraniana, como observado acima, está cheia de buracos. A artilharia ucraniana está com pouca munição. As baixas ucranianas, mesmo que não sejam substancialmente maiores do que as russas, certamente estão no mesmo nível das russas – e isso, dada a diferença populacional de 4:1, é claro que não é sustentável.

Então, quem vazou e por quê?

Os documentos vieram do nível do Estado-Maior Conjunto dos EUA. É bem sabido, desde o final do ano passado, quando o presidente do JCS, general Mark A. Milley, disse ao New York Economics Club que nenhum lado poderia vencer esta guerra e que um acordo negociado deveria ser buscado, que os mais altos escalões das forças armadas dos EUA são céticos em relação a guerra do Departamento de Estado neocon com o objetivo de mudança de regime.

As condições objetivamente verificáveis que sustentam a visão de Milley, não importa os vazamentos, são mais convincentes hoje do que no final do ano passado.

Onde estamos, então, e onde isso vai parar?

Se a avaliação de Milley estiver correta, e dado que a posição ucraniana é mais tênue do que geralmente se pensava em outubro e novembro, é improvável uma ofensiva bem-sucedida no sul da Ucrânia que ameace seriamente a Crimeia. No sul, a Rússia está bem entrincheirada e terá considerado um cenário de batalha final de Kursk: cair no centro, depois envolver as forças ucranianas, que – com 80.000, no máximo – precisarão se reagrupar rapidamente.

Há uma condição: para dar uma chance à tão alardeada ofensiva do sul, a Ucrânia e seus aliados mais próximos, os EUA e o Reino Unido, precisariam derrubar a ponte Kerch para cortar o acesso russo à Crimeia. Se isso envolvesse artilharia de longo alcance da OTAN, uma linha vermelha russa poderia muito bem ser cruzada.

Por várias razões, a Ucrânia pode optar por lançar uma ofensiva de frente central da região ao norte de Bakhmut e a leste de Kramatorsk na direção de Lysychansk e Luhansk. O chefe do Wagner Group, Prigozhin, alertou sobre isso e pode muito bem ter o instinto certo a respeito. As forças russas ao norte do saliente Donbass seriam isoladas e teriam que fugir para a pátria ou se render.

Não seria a recuperação da Crimeia elogiada por Zelensky e Victoria Nuland, do Departamento de Estado, mas provavelmente manteria vivo o apoio ocidental à Ucrânia.

A menos que um conselho militar obstinado à Casa Branca tenha algum efeito, estamos entrando na fase mais perigosa não apenas desta guerra, mas de qualquer período desde novembro de 1983, quando uma guerra nuclear quase começou porque os russos interpretaram o exercício muito realista da OTAN, a Operação Able Archer, como um ardil para disfarçar um primeiro ataque nuclear. Os ideólogos lunáticos do Departamento de Estado dos Estados Unidos, que exigem uma mudança de regime e o desmembramento da Rússia, cuidarão disso.

Publicado no [Asia Times](#).

****Uwe Parpart** é diretor do Asia Times. Já contribuiu para várias revistas e jornais e foi editor colaborador da revista Forbes e colunista da revista Shinchosha Foresight, em Tóquio. É convidado frequente da CNBC, Bloomberg e NHK TV.*
